

tempomedicina.com | Edição Semanal | Ecos | 0730PUB4F0807SR30B - Microsoft Internet Explorer

Ficheiro Editar Ver Favoritos Ferramentas Ajuda

Retroceder Avançar Parar Procurar Favoritos

Endereço http://www.tempomedicina.com/EdiSem/Noticia.aspx?ID_Noticia=17665 Ir para Hiperligações

IMPREDMÉDICA TEMPOMEDICINAONLINE número 1254
23 Julho 2007
Director: Dr. José M. Antunes

1ª PÁGINA EDIÇÃO IMPRESSA REUNIÕES E CONGRESSOS ARQUIVOTM IMPREDMÉDICA REGISTO

Se para Gerben Hagenaaars uma maior presença das regras de mercado pode ser benéfica, para Chris Ham o mercado não funciona convenientemente no sector da Saúde

Não há consenso sobre gestão dos recursos em saúde

Soluções diferentes para o mesmo problema

Deixar o mercado actuar ou intervir no modo de vida das sociedades actuais são duas soluções bem diferentes para atingir o mesmo objectivo: gerir melhor os recursos escassos da Saúde.

Se a necessidade de tomar medidas, atendendo a que os recursos são também limitados na área da Saúde, é consensual, o mesmo já não se pode dizer de quais os caminhos a tomar para uma melhor afectação desses recursos. No 6.º Congresso da Federação Europeia de Medicina Interna, realizado em conjunto com o 13.º Congresso Nacional de Medicina Interna, entre os dias 23 e 26 de Maio, em Lisboa, este assunto «opôs» o especialista holandês em políticas e gestão de cuidados de saúde, Gerben Hagenaaars, com a sua palestra sobre «Differentiated care for the select few», ao investigador da Universidade de Birmingham, Chris Ham, que proferiu uma conferência intitulada «Basic care for all».

As diferenças entre os dois palestrantes baseiam-se desde logo no que consideram ser a questão mais relevante que deve guiar a gestão dos recursos. Para Gerben Hagenaaars, a questão coloca-se mais ao nível dos cuidados diferenciados, não tanto como os obter, mas sim «como gerir as diferenças» nos cuidados de saúde. O ponto-chave das suas ideias acaba por ser o facto de o especialista considerar que as regras de mercado devem também funcionar para o sector da Saúde.

Assim, com as seguradoras a terem um papel importante na sua ideia de sistema de cuidados de saúde, a gestão da diferenciação de cuidados iria fazer-se porque estas «estão a competir por clientes». No caso dos hospitais, onde, nas suas palavras, «já existe diferenciação», o que importa é «criar um sistema em que as diferenças se tornem visíveis». Isto porque aumentar a «transparência» vai trazer consequências positivas para os cuidados médicos. Além disso, no rol de aspectos significativos na gestão dos cuidados diferenciados o palestrante colocou também ênfase no «empowerment do doente». Na sua opinião, esta é uma realidade que «vai crescer» e que vai levar a que as pessoas «procuram melhores médicos».

Cuidados dependem do modelo de actuação

Por seu lado, para Chris Ham «o desafio é saber de onde virá o dinheiro [para a Saúde] no futuro». Em relação a isso, o especialista não se mostrou partidário de um sistema que funcione segundo as regras do mercado porque este «não funciona bem nos cuidados de saúde», atendendo a todos os constatamentos decorrentes de a Saúde ser vista como «algo para ser vendido». Assim, o investigador inglês chamou atenção para implicações como a selecção do risco e a assimetria de informação, para além de que «os mercados não são definidos para serem justos, mas para serem eficientes».

Por outro lado, Chris Ham reconheceu também que os sistemas em que os impostos «são o principal fundo com cobertura global da população» e em que o governo «é o regulador do sistema e da

Não há consenso sobre gestão dos recursos em saúde

Soluções diferentes para o mesmo problema

Deixar o mercado actuar ou intervir no modo de vida das sociedades actuais são duas soluções bem diferentes para atingir o mesmo objectivo: gerir melhor os recursos escassos da Saúde.

Se a necessidade de tomar medidas, atendendo a que os recursos são também limitados na área da Saúde, é consensual, o mesmo já não se pode dizer de quais os caminhos a tomar para uma melhor afectação desses recursos. No 6.º Congresso da Federação Europeia de Medicina Interna, realizado em conjunto com o 13.º Congresso Nacional de Medicina Interna, entre os dias 23 e 26 de Maio, em Lisboa, este assunto «opôs» o especialista holandês em políticas e gestão de cuidados de saúde, Gerben Hagenaaars, com a sua palestra sobre «Differentiated care for the select few», ao investigador da Universidade de Birmingham, Chris Ham, que proferiu uma conferência intitulada «Basic care for all».

As diferenças entre os dois palestrantes baseiam-se desde logo no que consideram ser a questão mais relevante que deve guiar a gestão dos recursos. Para Gerben Hagenaaars, a questão coloca-se mais ao nível dos cuidados diferenciados, não tanto como os obter, mas sim «como gerir as diferenças» nos cuidados de saúde. O ponto-chave das suas ideias acaba por ser o facto de o especialista considerar que as regras de mercado devem também funcionar para o sector da Saúde.

Assim, com as seguradoras a terem um papel importante na sua ideia de sistema de cuidados de saúde, a gestão da diferenciação de cuidados iria fazer-se porque estas «estão a competir por clientes». No caso dos hospitais, onde, nas suas palavras, «já existe diferenciação», o que importa é «criar um sistema em que as diferenças se tornem

visíveis». Isto porque aumentar a «transparência» vai trazer consequências positivas para os cuidados médicos. Além disso, no rol de aspectos significativos na gestão dos cuidados diferenciados o palestrante colocou também ênfase no «empowerment do doente». Na sua opinião, esta é uma realidade que «vai crescer» e que vai levar a que as pessoas «procurem melhores médicos».

Cuidados dependem do modelo de actuação

Por seu lado, para Chris Ham «o desafio é saber de onde virá o dinheiro [para a Saúde] no futuro». Em relação a isso, o especialista não se mostrou partidário de um sistema que funcione segundo as regras do mercado porque este «não funciona bem nos cuidados de saúde», atendendo a todos os constrangimentos decorrentes de a Saúde ser vista como «algo para ser vendido». Assim, o investigador inglês chamou atenção para implicações como a selecção do risco e a assimetria de informação, para além de que «os mercados não são definidos para serem justos, mas para serem eficientes». Por outro lado, Chris Ham reconheceu também que os sistemas em que os impostos «são o principal fundo com cobertura global da população» e em que o governo «é o regulador do sistema e da qualidade dos cuidados» também não tem assegurado a equidade dos cuidados.

Face à realidade actual, o especialista defendeu como solução para uma melhor gestão dos recursos da Saúde uma ruptura com a lógica do sistema actual. Assim, Chris Ham indicou que esta questão tem tudo a ver com «opções políticas e sociais». Para o palestrante tem de haver outro tipo de intervenção para que se actue nas «mudanças de comportamento». O perito afirmou mesmo que «dependendo das opções tomadas» é que se consegue «prestar cuidados básicos» à população.

Neste modelo de intervenção, o investigador salientou que é preciso «mais ênfase na Saúde Pública e na prevenção». Mas nesta lógica que coloca a Saúde num campo de actuação mais generalizado, o especialista defendeu simultaneamente que os médicos são a classe de profissionais «mais bem posicionada para aconselhar sobre as orientações» para as medidas de actuação.

Susana Ribeiro Rodrigues

...CAIXA...

A visão de Eduardo Mendes

Melhorar a eficiência parece ser a resposta do presidente da Associação Portuguesa de Médicos de Clínica Geral, Eduardo Mendes, para fornecer cuidados de saúde à população numa realidade caracterizada pela limitação dos recursos. O médico interveio no final da sessão intitulada «What road should we take in the era of limited health resources?», em que participou como moderador, e afirmou que no que toca à redução de custos em Saúde «a dificuldade» é saber se é mais importante «reduzir o custo financeiro dos cuidados de saúde ou reduzir os custos dos próprios cuidados».

E exemplificou a sua posição com o facto de haver muitos países «em que 10% dos procedimentos médicos não são necessários». Assim, o responsável é de opinião de que se os médicos fossem «mais eficientes» os cuidados de saúde seriam melhores. Da mesma forma, Eduardo Mendes lembrou que, «nos Estados Unidos da América, 24% [do que se gasta] deve-se a custos administrativos», e que este valor é de «14% no

Canadá». Assim, o médico entende que se se «reduzissem significativamente os custos administrativos» isso teria efeitos benéficos no sistema de Saúde. Tudo isto não perdendo de vista o facto de que «a saúde é um investimento» e que «os cuidados de saúde geram investimento». Mas, como lamentou Eduardo Mendes, «pensa-se sempre na despesa».

Texto publicado, em exclusivo, em TM ONLINE de 2007.07.25
0730PUB4F0807SR30B